

RSA VIOLA CADA VEZ MAIS NOSSO ESPAÇO AÉREO

Por Carlos Cardoso

12/9/81

O espaço aéreo da República Popular de Moçambique tem vindo a ser repetidamente violado por aviões e helicópteros sul-africanos desde a independência do Zimbabwe em Abril do ano passado. Este facto, ontem confirmado à AIM por uma fonte do Ministério da Defesa moçambicano, é uma clara indicação de que o exército sul-africano pretende reconhecer em profundidade a região leste do que considera ser o seu espaço de actuação militar e agressão contra os países da Linha da Frente.

Antes da independência do Zimbabwe, forças sul-africanas actuavam contra Moçambique integradas nas forças rodésianas.

Nas suas violações do nosso espaço aéreo os sul-africanos têm utilizado aviões a jacto, caças bombardeiros, helicópteros e aviões de carga tipo Nord-Atlas.

Utilizam também com frequência, nas suas manobras de espionagem, aviões e avio-netas aparentemente civis.

O caso do avião francês, abatido recentemente por uma unidade das Forças Armadas Moçambicanas (FPLM), aconteceu na sequência de uma série de voos de reconhecimento por aviões sul-africanos nas zonas onde posteriormente se deu o incidente.

A AIM pôde apurar que nos últimos 18 meses, a aviação sul-africana violou mais de 40 vezes o espaço aéreo moçambicano.

Segundo o Ministério da Defesa Nacional os objectivos principais destas violações têm sido o reconhecimento de actuais e possíveis zonas operacionais, o apoio aos bandos armados que actuam na zona centro do país, e a intimidação — como política de fundo do regime do apartheid contra Moçambique.

Pelo menos duas entradas de aviões sul-africanos em Moçambique foram seguidas de agressão.

O primeiro caso foi em Massingir, no dia 26 de Outubro do ano passado. Cinco helicópteros, com soldados, aterraram numa

machamba perto da localidade de Massingir, na Província de Gaza, seguindo-se uma emboscada a unidades de patrulha das FAM (FPLM).

O segundo caso foi o do ataque à Matola, a 31 de Janeiro deste ano. Nos dias 29 e 30 desse mês, aviões de reconhecimento sul-africanos entraram oito vezes no nosso espaço aéreo fazendo o percurso Ressano Garcia-Moamba-Movene-Namaacha.

As zonas mais sobrevoadas por aviões sul-africanos têm sido Inhaca-Catuane, Ponta do Ouro e Ponta Malongane, Mapulanguene e Ingavene, Massingir, Macandazulo, Mapai, Pafuri, Chicualacuala e áreas do distrito de Mossurize no sul da Província de Manica.

É no distrito de Mossurize que a aviação sul-africana faz a maior parte dos seus voos de abastecimento militar aos bandos armados da chamada «África Livre».

Para a entrada em Moçambique, a norte do Rio Save, a aviação sul-africana percorre, muitas vezes, o corredor aéreo sudeste do Zimbabwe.

Os aviões fazem desde voos baixos (500 metros) até voos a 3000 metros e mais, dependendo do tipo de avião e do tipo de missão.

Alguns destes voos indicam o tipo de alvos em que o regime de Pretória está interessado. Por exemplo, a 3 de Dezembro de 1980, vários helicópteros sul-africanos

sobrevoaram a zona do rio Save ao longo da linha de alta tensão.

Simultaneamente, o exército sul-africano está a aumentar os seus efectivos ao longo da fronteira com Moçambique. As suas forças — incluindo tanques e artilharia pesada — efectuem regularmente manobras militares.

Segundo uma fonte em Joanesburgo, antigos comandos do exército colonial português que operaram em Moçambique, estão a ser enviados para a zona fronteiriça de Ressano Garcia.

A crescente presença sul-africana sobre o território moçambicano surge em paralelo com a recente declaração do Primeiro-Ministro do Zimbabwe, Robert Mugabe, segundo a qual a África do Sul está neste momento a treinar e a armar milhares de antigos «auxiliares» do Bispo Abel Muzorewa para um eventual golpe contra o Governo eleito do Zimbabwe.

Os outros paralelos são Angola — onde o envolvimento sul-africano voltou a conhecer a dimensão de invasão e ocupação territorial — e a Zâmbia, cuja província ocidental voltou a ser atacada pela aviação sul-africana quarta-feira desta semana.

E, segundo fontes «dignas», nos recentes actos violentos no Lesotho também não está alheia a mão de Pretória que apoia as forças que se opõem ao Primeiro-Ministro Leabua Jonathan.